



JOSÉ SILVEIRA



PERFIS

MEMÓRIAS | VOLUME 3

ORGANIZADO POR GERALDO LEITE | 2024

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração
Editora ArtNer

Imagens
Acervo pessoal e Internet

Diagramação
Joselito Miranda

Capa
Roseilde Reis

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Leite, Geraldo (Org.).

L533j

José Silveira - Perfis/Geraldo Leite (Org.).

- Aracaju: ArtNer, 2024.

298p.:il

ISBN: 978-65-982979-6-1

- | | |
|------------------------------------------------|----------------------|
| 1. Memórias – Medicina | 2. Biografia- Perfis |
| 3. Registros Históricos – Memórias Biográficas | |
| I- Silveira, José | II - Título |

CDU: 61: 82- 4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

EDITORA ARTNER

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

JOSÉ SILVEIRA
ORG. GERALDO LEITE

PERFIS

MEMÓRIAS | VOLUME 3

Salvador-BA



2024

A PERDA DE UM AMIGO

José Silveira tinha amigos em todas as regiões do Brasil, e em todas as partes do mundo!

Quando um deles morria, Silveira lançava seu perfil em um livro, jornal, ou revista. Com muita paciência, consegui reunir os setenta e dois perfis que aqui reproduzo. Antes, porém, transcrevo o que ele escreveu sobre a perda de um amigo:

“Pela vida afora, nada pode ser mais cruel e doloroso que a perda de um ente querido; a morte de um amigo é mutilação irreparável, abertura de chagas, que jamais se cicatrizam... Na mocidade, pela força criadora do seu próprio ímpeto, graças aos mecanismos, ainda novos, de autodefesa espiritual, suporta-se melhor o sofrimento. Com o passar do tempo este se faz cada vez mais fundo e pungente; porque, já não é um fato isolado senão mais um, na série imensa dos que o antecederam. Daí esse sentimento de abandono, angústia, isolamento e tristeza da velhice.

Recordá-los é como que ressuscitá-los, trazê-los à nossa presença; para podermos novamente admirá-los, fazer-lhes justiça pelos seus méritos e virtudes, tantas vezes esquecidos; recria-los, enfim, no ambiente perdido, que tão bem nos fez viver e tantas alegrias nos deu.”

(Pérolas e diamantes, 11)

QUATRO MULHERES

- *Laudicéia, luz sempiterna e bela, iluminando o fim da tarde.*
- *Lícia, eterno sol do meio-dia.*
- *Juanne e Esterzinha, raios de luz que irradiam amor e ternura.*

PREFÁCIO

A imensa generosidade do autor em me convidar para prefaciar esta obra traz a mim um grande desafio: resumir em poucas palavras o rico conteúdo deste livro, que permite ao leitor mergulhar na história de renomados médicos que, extrapolando a atuação da assistência direta ao seu paciente, criaram instituições perenes, ainda hoje em franca expansão, eternizando no tempo o seu propósito de servir ao próximo.

Este livro é um merecido tributo a algumas das mentes mais brilhantes que moldaram a história da medicina e da ciência em nossa sociedade.

Nesse passeio pela história, descrita pelo autor, que domina os fatos com profundidade, podemos ver cristalizada a admiração do Professor José Silveira pelas pessoas aqui mencionadas. Sua escrita inspiradora comunica e traduz os sentimentos profundos que o Professor José Silveira nutria por cada uma das personalidades presentes na obra, descrevendo as suas personalidades e ações em benefício de toda a sociedade.

Um dos aspectos mais notáveis deste livro é o apurado contexto histórico em que se desenrolam as narrativas. Em suas páginas, o leitor vai além dos perfis individuais, alcançando uma visão abrangente dos acontecimentos da época. De encontros médicos à fundação de instituições, incluindo eventos nacionais e internacionais, este livro é uma imersão no cenário que moldou a trajetória dessas grandes mentes.

Em suma, esta é uma homenagem a inúmeras mentes brilhantes que muito contribuíram para a nossa sociedade e que ainda hoje servem de inspiração a todos. Te convido a mergulhar nestas histórias e se inspirar nas vidas extraordinárias aqui retratadas.

Com profunda admiração a todos os feitos aqui relatados,

Carlos Dumet

Superintendente Institucional e Financeiro da Fundação José Silveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01 - ABEL CETRÁNGOLO	15
CAPÍTULO 02 - ALEXANDRINA RAMALHO.....	17
CAPÍTULO 03 - ALOÍSIO DURVAL	20
CAPÍTULO 04 - ANÍSIO TEIXEIRA.....	22
CAPÍTULO 05 - ANTÔNIO MOREIRA.....	25
CAPÍTULO 06 - ANTÔNIO SIMÕES	28
CAPÍTULO 07 - ARISTIDES NOVIS.....	32
CAPÍTULO 08 - ARISTIDES NOVIS FILHO.....	36
CAPÍTULO 09 - ARLINDO DE ASSIS	38
CAPÍTULO 10 - BENJAMIN CARVALHO.....	47
CAPÍTULO 11 - BERNARDINO DE SOUZA.....	49
CAPÍTULO 12 - CAMPBELL PENNA	51
CAPÍTULO 13 - CARDOSO FONTES	54
CAPÍTULO 14 - CARLOS COSTA PINTO	60
CAPÍTULO 15 - CARLOS TORRES	66
CAPÍTULO 16 - CÉSAR DE ARAÚJO	68
CAPÍTULO 17 - CLAUDELINO SEPÚLVEDA	69
CAPÍTULO 18 - CLEMENTE FERREIRA	72
CAPÍTULO 19 - CLEMENTINO FRAGA.....	77
CAPÍTULO 20 - EDITH MENDES DA GAMA E ABREU.....	83
CAPÍTULO 21 - EDMUNDO BLUNDI.....	91
CAPÍTULO 22 - ERNESTO SIMÕES FILHO	94
CAPÍTULO 23 - ESTÁCIO DE LIMA	101
CAPÍTULO 24 - ETELVINA FREITAS.....	104

CAPÍTULO 25 - EUGÊNIO GOMES.....	107
CAPÍTULO 26 - FERNANDO GOMEZ	113
CAPÍTULO 27 - FERNANDO SÃO PAULO	116
CAPÍTULO 28 - FLAVIANO MARQUES	122
CAPÍTULO 29 - MILTON FONTES MAGARÃO.....	125
CAPÍTULO 30 - GERNEZ-RIEUX.....	130
CAPÍTULO 31 - GODOFREDO FILHO	132
CAPÍTULO 32 - GONÇALO MONIZ	135
CAPÍTULO 33 - GREGORIO MARAÑON	142
CAPÍTULO 34 - GUILLARD MUNIZ	145
CAPÍTULO 35 - GUMERCINDO SAYAGO	148
CAPÍTULO 36 - HANS GEISSLER	159
CAPÍTULO 37 - HEINRICH BRÜGGER.....	161
CAPÍTULO 38 - IRMÃ DULCE	164
CAPÍTULO 39 - JOÃO SILVEIRA.....	166
CAPÍTULO 40 - JORGE NOVIS	176
CAPÍTULO 41 - JOSÉ ADEODATO DE SOUZA FILHO.....	179
CAPÍTULO 42 - JOSÉ FIGUEIREDO	182
CAPÍTULO 43 - JOSÉ SILVEIRA	185
CAPÍTULO 44 - JOSÉ GOMES LOUREIRO.....	190
CAPÍTULO 45 - JUAN JOSÉ BERETERVIDE.....	197
CAPÍTULO 46 - LEON SANTOS	198
CAPÍTULO 47 - LOPO DE CARVALHO	201
CAPÍTULO 48 - LUDOLF BRAUER	203
CAPÍTULO 49 - LUÍS ROGÉRIO	207
CAPÍTULO 50 - LUÍS TORRES.....	209
CAPÍTULO 51 - MANOEL CAETANO	212
CAPÍTULO 52 - MANOEL DE ABREU	214

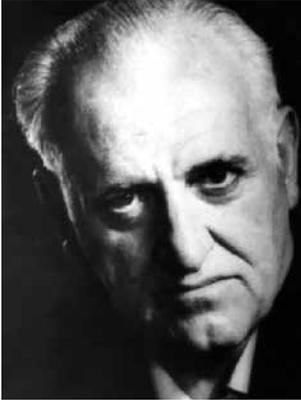
CAPÍTULO 53 - MANOEL JERÔNIMO.....	221
CAPÍTULO 54 - MARGARIDA COSTA PINTO.....	224
CAPÍTULO 55 - MARIA EDÍSIA.....	226
CAPÍTULO 56 - MÁRIO TORRES.....	228
CAPÍTULO 57 - MURRAY KORNFELD.....	231
CAPÍTULO 58 - NOEL NUTELS.....	234
CAPÍTULO 59 - OTÁVIO MANGABEIRA.....	237
CAPÍTULO 60 - OTÁVIO TORRES.....	245
CAPÍTULO 61 - PRADO VALLADARES.....	250
CAPÍTULO 62 - PRESCILIANO SILVA.....	258
CAPÍTULO 63 - RAUL VACCAREZZA.....	261
CAPÍTULO 64 - ROGÉRIA GUSTAVO DOS SANTOS.....	264
CAPÍTULO 65 - RUY SIMÕES.....	268
CAPÍTULO 66 - SARAH NISSEMBAUM.....	270
CAPÍTULO 67 - SEBASTIÃO RAMOS.....	274
CAPÍTULO 68 - SCHMIDT E KLARE.....	279
CAPÍTULO 69 - SEGURA ROSS.....	282
CAPÍTULO 70 - THALES DE AZEVEDO.....	285
CAPÍTULO 71 - WALDEMAR DE OLIVEIRA.....	288
CAPÍTULO 72 - WALTER BOAVENTURA.....	292
REFERÊNCIAS.....	295
BIBLIOGRAFIA.....	297

CAPÍTULO 01

ABEL CETRÁNGOLO

PESQUISADOR FILÓSOFO

Asociación Médica Argentina



A tuberculose, durante muitos anos, por suas dramáticas consequências sociais e econômicas, foi a doença que mais atraiu o interesse e a paixão dos médicos, cientistas e mesmo literatos. É que, depois da identificação do seu agente causador, graças ao admirável trabalho de Robert Koch, andou-se com muita lentidão. É verdade que a luz de Röntgen esclarecia muita coisa, mas não o bastante. Daí a inexistência de processos terapêuticos seguros, profilaxia incerta e duvidosa. Só nos últimos

anos, com o avanço da quimioterapia, de melhores resultados, processou-se a grande transformação. A própria bacteriologia, insuficientemente valorizada, passou a ter uma influência decisiva.

Vivendo essa última fase, Cetrángolo, com seu espírito vivo e atilado, concentra-se nas pesquisas bacteriológicas, preferindo nelas ficar, contrariando talvez seu ilustre pai, que dele queria fazer um grande clínico, à sua imagem. Recebendo, ademais, a influência de André Arena, sem dúvida um dos maiores bacteriologistas da América Latina, não saiu do laboratório. Não ficou, porém, limitado à rotina indispensável do diagnóstico corrente, necessário à orientação terapêutica do dia a dia. Mas através do estudo do agente causador da doença, lançou vistas por distantes e amplas consequências médicas e sociais.

Só assim, se explica o aparente contraste entre suas atividades técnicas limitadas e a amplitude dos seus conhecimentos, dentro de invejável erudição e do mais arguto espírito crítico. Porque se Cetrángolo foi o experimentador latino-americano que mais contribuiu para o desenvolvimento da sua especialidade, foi também uma inteligência clara que, como ninguém, percebeu e sentiu as particularidades dramáticas dos problemas sociais e humanos provocados pela tuberculose em terras da América.

Homem de gabinete, dedicado a questões técnicas miúdas e delicadas; esquivo, solitário e de temperamento raro, não atraía à primeira vista.

Começava a nos conquistar quando entreabria as comportas do seu imenso mundo interior; quando deixava perceber as suas dúvidas, as suas inquietações sobre a civilização e o tempo em que vivemos; quando a Ciência, que tanto amava, distorcida nas suas finalidades nobres, sob forma de extraordinário progresso tecnológico, convertia-se no espectro trágico da inquietação e da morte.

Sensível a todos os sentimentos do mundo, vendo-o, no entanto, com reservas e receios, só na atmosfera das letras, da música, da arte, enfim, conseguia encontrar forças para suportar o drama melancólico da rotina e do quotidiano. Daí, sem dúvida, seu feitio romântico e boêmio, opondo-se à seriedade e à sisudez do seu labor diário.

Do pesquisador, do técnico, do cientista, sentirão falta os médicos e fisiólogos que nele tinham a fonte inesgotável e fecunda de conhecimento e sabedoria. Mais desolados, ficarão, no entanto, os poucos que puderam privar da força telúrica¹ do seu pensamento; das grandezas desse filósofo nato, a um tempo realista e sonhador; alma de escol², plena de encantamento e misticismo; afogado, por vezes, na amargura e no pessimismo das suas frustradas ilusões.

De qualquer sorte, a Argentina, a América Latina, nós todos, seus colegas e seus amigos, sabemos que não perdemos apenas um grande técnico, e sim um homem singular e raro, puro e correto, valoroso pelo seu talento extraordinário, fecundo pelo seu espírito superior e altaneiro³, pela sua ternura admirável e pelo seu imenso e desinteressado amor às grandes causas da humanidade.

1 **Telúrica:** natural, terrena, primordial, intrínseca.

2 **Escol:** que é considerado melhor, de maior qualidade.

3 **Altaneiro:** elevado, que permanece em grande altura.

ALEXANDRINA RAMALHO

ADMIRÁVEL MULHER

fernandomachado.blog.br



Com o desaparecimento de Alexandrina Ramalho, a cultura baiana sofre um dos seus mais rudes golpes. Nenhum movimento em favor da música erudita se fez, nesses últimos anos, em nosso meio, que superasse em grandeza, continuidade e hierarquia, as atividades da Cultura Artística da Bahia, por ela fundada, nos idos de 1945, e, ainda hoje em pleno vigor. Fosse criada no eixo Rio-São Paulo, com o caráter primoroso e elevado em que sempre se manteve, e já seria muito. Mas, organizada na Bahia, naquela época, desenvolvê-la ao máximo, praticamente sozinha, arrostando todas as incompreensões, dificuldades e tropeços sem conta, num meio até então e ainda hoje, pouco sensível a tais empreendimentos, é obra de gigantes, feito fabuloso de verdadeira heroína. Tanto mais quanto, partiu ela do zero. Não é que outras instituições musicais não realizassem obra meritórias: as criações de Sílvio Deolindo Fróes e de Pedro Irineu Jatobá despertavam apenas o interesse e o empenho de pequeno número de aficionados. Importava, porém, criar, com um impacto firme e decisivo, no seio da comunidade, dentro da própria sociedade, o gosto pelos concertos, o amor às grandes orquestras, o interesse pela música de câmara, a paixão pelo canto, no que tudo isso tem de mais admirável e sublime. Era preciso que todos soubessem que, ao lado da música popular, espontânea, descompromissada, há uma música superior, profunda. Transcendente, gerada no cérebro e no coração dos gênios, dos predestinados que, pelas mãos exímias dos seus competentes executores, através dos séculos, nos encanta e nos fascina. Era necessário que todos soubessem as belezas e os encantamentos das sonatas, dos prelúdios, das sinfonias, dos oratórios. Era indispensável retirar o povo da ignorância desse mundo superior, reservado às elites. Daí a grande obra de educação dessa admirável mulher!

Quem não se recorda da grande figura, dominadora e altaneira, de Alexandrina Ramalho, nos concertos do auditório do Instituto Normal, a

orientar, instruir e mesmo dirigir, não o espetáculo, a exibição, mas a própria plateia, o povo, o auditório inteiro, ensinando-lhe a guardar silêncio nos momentos adequados. A aplaudir nas horas oportunas; a entreter as manifestações de regozijo e de aplauso, com entusiasmo e calor, para que daqui não saíssem os artistas com impressão pouco lisonjeira da nossa sensibilidade musical? Quem poderá esquecer a corte das mais famosas celebridades trazidas à Bahia, pela capacidade de seleção, prestígio internacional, relacionamento constante dela com os mais destacados empresários?! Aos nossos ouvidos ainda ressoam os acordes da Orquestra de Stuttgart, Orquestra Corelli de Roma, Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra de Câmara de Berlim, Solistas de Zagreb, pianistas como Walter Gieseking, Jacques Klein, Artur Schnabel, Wilhelm Backhaus, cantores como Marian Anderson, Carol Brice, Elisabeth Schwarzkopf, Lawrence Winters, celistas como Gaspar Cassado e Jacques Ripoché, conjuntos como os Meninos Cantores de Viena e The Jubilee Singers e centenas de outras celebridades que aqui seria longo enunciar.

Fundada com inaudita coragem, arrojada capacidade de iniciativa, confiança em si mesma, a sua adorada SCAB – Sociedade Cultura Artística da Bahia, não só se mostrou à altura de organizar as mais promissoras representações, como também – o que lhe foi muito mais difícil – conseguir as condições financeiras indispensáveis para sua regular manutenção; sem pedir, por muitos e muitos anos, auxílio às classes abastadas ou o amparo do governo. Mais admirável em tudo isso é que, embora tivesse amigos em que podia confiar, jamais transferiu encargos e dificuldades para seus colaboradores. Ela, somente ela, cuidava da vinda dos artistas, da sua acomodação nos hotéis, do seu transporte, das atenções todas, que lhes eram devidas, suportando com imensa tolerância reclamações e impertinências de temperamentos sensíveis exaltados, que não sabem perdoar falhas nem se querem adaptar às condições do meio onde iriam atuar. Senhora principescamente educada, agia como verdadeira embaixatriz, conseguindo, a tempo e a hora, o necessário para o êxito dos contratados; corrigindo as deficiências e os tremendos erros de funcionamento das nossas salas de espetáculo, de modo a deixar limpa e isenta de críticas a sua querida Bahia.

Dir-se-ia que suportava esse imenso sacrifício, não só para dar vazão a sua paixão artística – ela que deixara o canto depois do mais absoluto êxito pelo mundo – como também porque compensações de ordem financeira lhe poderiam advir com o manejo de tão polpudas verbas. Nada mais absurdo e injusto. Durante anos a fio, jamais retirara, em proveito próprio, qualquer dinheiro da SCAB. Somente depois de um tremendo esforço do Conselho da instituição, levando em conta não se tratar de uma criatura

abastada, concordou em receber, sob a forma simbólica, nada mais que dois salários-mínimos, como paga (?!) da sua imensa consagração à nossa cultura. Sua grande compensação – não cansava de repetir, consistia na alegria que, com os espetáculos, proporcionava aos membros da sua agremiação que, em certa época, ultrapassava os limites de quatro mil sócios, hoje, desgraçadamente reduzidos a pouco mais de uma centena.

Nos últimos anos, começou a SCAB ter imensas dificuldades: com a queda do cruzeiro, aumento do *cachet* dos mais conceituados executores; taxas e impostos acrescidos e sobretudo, a imprevisita, galopante e avassaladora inflação. Tremendamente restrita ao recurso comum do peditório, do aumento mesmo das mensalidades, mantidas sempre em preços baixos e ridículos, porque não admitia que os mais pobres – geralmente os mais interessados – deixassem de comparecer aos seus concertos.

Uma hora, porém, teve que ceder. Ou se conseguiria a soma necessária ou se abaixaria de padrão, com o que, de hipótese alguma, concordaria. Deus ajudou que fôssemos a Antônio Carlos Magalhães. Disposto sempre a prestigiar e amparar a arte na Bahia logo nos atendeu, e de tal molde, que pode ela deixar a cultura artística, senão com o seu futuro garantido, pelo menos em pleno equilíbrio financeiro. Com duas salas próprias no Edifício Churchill, sem nada dever a ninguém.

A indagação que fica no ar é a de se saber qual o destino da Cultura Artística após a morte de sua fundadora. Terá a Bahia sensibilidade e clima espiritual para dar continuidade a uma obra de tão delicado conteúdo, de tanta transcendência, numa hora do mais terrível e negativo pragmatismo? Oxalá que isso aconteça. Parece, no entanto, pouco provável, pois não é fácil manter o que nasceu de um grande sonho e sobreviveu pela paixão generosa e altruísta de uma vida inteira imolada em seu favor. O que sem dúvida, é certo, é que será impossível encontrar outra Alexandra Ramalho.